

Entrevista: a clínica ampliada ou a ampliação da clínica?¹

Entrevistada: Maria de Fátima Bueno Fischer²

Quando a equipe do Cadernos determinou que o tema do décimo volume seria Clínica Ampliada e buscou nomes e formatos, dentro e fora da Unisinos, um nome nos chegou como unanimidade: Maria de Fátima Fischer! Por diversos motivos reunidos na trajetória profissional da Fátima e no modo como a conhecemos, acolhendo novas experiências como novas formas de ampliação da vida. Sim, pensamos... ela tem uma história profissional com a saúde mental e o sistema de saúde, que se mistura à sua prática como docente da Universidade e está absolutamente articulada aos seus ideais e sua forma de viver. Sua história já é um testemunho de como a perspectiva do cuidado em saúde, do lugar da docência na aprendizagem podem estar ampliados e vívidos no compromisso de uma cidadã com seu momento histórico e de uma pessoa que dá passagem à afirmação da vida em suas diferenças. Quando lhe fizemos o convite, confirmou nossos desejos: aceitou fazer uma entrevista em uma modalidade de narrativa da sua história e como a ampliação da clínica (como ela defende a expressão) foi uma condição inevitável. Em uma manhã linda de inverno, no pátio interno do prédio do CCIAS que abriga o PAAS - a pedido dela! - vivemos um momento iluminado, não somente pelo sol, mas pela generosidade e brilho dispersado pela Fátima, através das coisas que nos contou.

Maria de Fátima Bueno Fischer possui graduação em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1979). Tem especialização em Saúde Pública e administração em saúde mental. Atualmente é

1 Foram preservados eventuais erros de coloquialidade com o objetivo de tornar a leitura mais agradável.

2 Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZajxt4HM7M>.

professor adjunto da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e foi psicóloga - Secretária da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: saúde mental coletiva, políticas públicas, participação democrática, grupos e coletivos e reforma psiquiátrica. Foi assessora e consultora em reforma psiquiátrica, desinstitucionalização e saúde mental coletiva junto ao Ministério da Saúde, até 2016. Foi conselheira do Conselho Regional de Psicologia atuando nas ações relacionadas a reforma psiquiátrica e a psicologia no sistema prisional. Foi diretora de desinstitucionalização no Hospital Psiquiátrico São Pedro, até 2014. Desde 2013 coordena a Associação Arte e Cultura Nau da Liberdade e do grupo teatral Nau da Liberdade (fonte: currículo Lattes)

Cadernos:

Bom pessoal, então, bem-vindos, bom dia a todos. Estamos iniciando o registro desse encontro com a psicóloga, professora, querida amiga e parceira de lutas, Maria de Fátima Bueno Fischer, que muito gentilmente não só aceitou nosso convite para estar conosco no volume 10 do Cadernos, como também está aqui na sede do PAAS, veio especialmente para que nós pudéssemos ter esse momento de registro e de conversa. E vou iniciar pedindo para quem está aqui representando a comissão do Cadernos se apresentar e aí depois passo a apresentar e conversar com a Fátima.

Cadernos:

Muito bem-vinda, Fátima. Um prazer contar contigo aqui. Sou a Letícia, sou psicóloga aqui do serviço. Atuo mais na parte de gestão e também contribuo com algumas atividades, incluindo o Cadernos. Então, a gente tá aí para conduzir essa atividade juntos.

Cadernos:

Me chamo Sophie, sou estagiária de Psicologia aqui no PAAS. Componho a equipe do Cadernos no momento. E é um prazer e uma honra poder participar desse momento.

Cadernos:

Sou a Maiele, sou estagiária do PAAS. Faço parte dos Cadernos também e é um prazer te receber aqui, Fátima, seja bem-vinda.

Fátima:

Muito obrigada.

Cadernos:

Meu nome é Nelson Rivero. Eu sou psicólogo, professor também. Faço parte da equipe do PAAS e do Cadernos. E Fátima eu vou iniciar como nós tínhamos combinado um pouquinho antes, dizendo que a gente tá absolutamente contente de tu estar por aqui. E que o convite tem inúmeras razões, mas entre elas, porque a gente, claro, quer te ouvir sobre clínica ampliada, que é o tema, mas mais do que isso, porque reconhece também na tua vida como profissional, e inclusive como pessoa, um testemunho do que isso significa na formação da psicologia. Se reconhece nisso também, na própria trajetória de alguém que sempre batalhou por uma psicologia que entende que vale a pena. Que tem impresso no seu corpo, nas suas paixões, nas suas práticas, toda a história da saúde mental, principalmente aqui no Rio Grande do Sul, por onde a clínica ampliada passa, por onde ela se sustenta, e que vai ganhar depois o espaço da humanização. Porque és uma pessoa também que tem uma trajetória longa com a Unisinos, com o estágio profissional da psicologia, no caso um dos estágios que a gente tem aqui no serviço, junto com a enfermagem e a nutrição, e que também tem na sua vida, inclusive na sua vida familiar, histórias com esse ambiente, com esse espaço, com essa trajetória. Então muito obrigada por ter vindo, muito obrigada por estar aqui. E aí acho que a primeira coisa que a gente faz quando recebe alguém é pedir: quem é a Fátima? Se tu poder te apresentar um pouquinho pra nós, a gente vai gostar de ouvir.

Fátima:

Bom, eu sou a Fátima, então Fátima Fischer. Vocês perceberão, na nossa conversa, o quanto estou emocionada com esse dia de hoje, desde o dia do convite com a Rosana, com a equipe toda. Fazer parte, então deste décimo Caderno. De uma história tão importante que eu acho que é uma história que institui na cidade de São Leopoldo, aqui na região do vale, uma importante relação de cuidados interdisciplinares com a saúde da população, aqui de São Leopoldo. E é um prazer enorme, uma honra poder estar aqui. Vindo para cá, é óbvio que a cabeça da gente vai mexendo e trazendo memórias e afetos. E um deles assim, chegando aqui no pátio, eu comecei a

caminhar, como em geral eu faço, eu trabalho também com consultoria em saúde mental. Eu quando eu vou para alguma cidade diferente, eu sempre quero chegar um dia antes que eu ando pela cidade para saber com quem eu estou dialogando. Os cheiros da cidade, o cotidiano, os lugares. E não foi diferente aqui, porque aqui eu estou revisitando mais uma vez. E eu não sei dizer. A gente estava tentando lembrar há quanto tempo, porque eu venho de uma família que, hoje eu estava conversando com Nelson, acho que 9 pessoas, entre irmãos, uma cunhada e meu pai, estiveram professores aqui e mais dois que foram alunos aqui. Nós somos doze irmãos, então também não era difícil de que muitos passassem por aqui no tempo que a gente veio de muda de Dom Pedrito para Novo Hamburgo. Então a gente começou a vinculação aqui.

Então, esses cheiros, esse sol, esse dia lindo. Eu gosto muito dessas datas como hoje, primeiro de agosto, inaugurando o início, né? Me traz também essas lembranças. Eu estava tentando lembrar o tempo. Eu acho que eu era criança quando vim aqui com meus irmãos que já estudavam aqui. A minha relação também, hoje me veio a lembrança, com os Jesuítas. Eu era estudante do segundo grau aqui em Novo Hamburgo. E fui convidada por três jesuítas, me lembrei dos três nomes agora, que eram o Tijolinho, o Cordeiro e o Atílio. Enfim, eles faziam um programa de rádio para trazer e dialogar com a juventude sobre temas da época. Era um programa de rádio, de radionovela. O meu nome era Marly, eu era uma prostituta. E aquilo para mim, aquele dia, nas quartas-feiras, era um dia de grande expectativa. A gente ia fazer a gravação na Rádio Progresso, em Novo Hamburgo, e depois voltava uma atriz para sala de aula.

Mas na época, aos poucos eu fui me lembrando dessa história. E aí, o que que tem a ver com a ampliação da clínica, que eu gosto mais de trabalhar com esse conceito de ampliação. É que alguma coisa, alguns toques na minha história, já vinham sendo marcados e eu não tinha ideia. Hoje eu vejo que essas marcas me subjetivaram de tal forma que era impossível pensar a Fátima como profissional da saúde, também psicóloga, sem estar enraizada nas histórias das pessoas, na história social.

Então me lembrei que o Cordeiro, que era um dos Jesuítas, em um determinado momento do programa da rádio, ele foi embora para trabalhar com indígenas em Mato Grosso, e aquilo me surpreendeu

assim “o que que uma pessoa, que tem casa, comida, roupa lavada, vai sair para um lugar difícil?”. Naquela época, eu acho que era ano 1960, 68/69, em um período difícil de ditadura. Mas aquilo me chamou a atenção e eu fui atrás dessas histórias, em saber por que que ele ia. E aí eu comecei a ver que o que eu estava fazendo com esses três jesuítas já estava se inscrevendo no início da teologia da libertação. Só que eu não sabia. E mais tarde eu fui saber que minha mãe, que também já trabalhava com catequese, trabalhava com eles. Com o irmão Cechin, que eu estava tentando lembrar agora, porque a irmã dele até trabalhou aqui na Unisinos, nestes prédios.

A gente então, além de fazer o programa de rádio, a gente vinha visitar o Cristo Rei, visitava aqui. Então nessas histórias, tem um pouquinho das minhas marcas nessas pedrinhas que já estavam aqui naquela época de muito jovem.

Então essa minha história começa desse jeito. Muitas das pessoas estiveram por aqui, então eu me sinto muito enraizada nessa história, mas sempre, eu dizia, abrindo outros caminhos, abrindo novos caminhos. Muitas lembranças mesmo, me vieram agora pensando nisso. E quando veio o convite de falar sobre clínica ampliada eu disse “já vou ficar provocando o pessoal”, porque eu gosto muito de falar em ampliação da clínica. Porque qualquer conceito que ele se encerre, como ouvir clínica ampliada inicialmente na saúde mental, me deu uma ideia, até porque eu sou profissional da saúde pública, também, além da universidade, já trabalhei em muitas equipes e me lembro dessa discussão inicial e eu me lembro assim de um certo fechamento da clínica. Então clínica ampliada é isso, ponto final. Não tem ponto final.

Cadernos:

Como se fosse uma qualificação.

Fátima:

É. Então eu gosto de falar de ampliação da clínica, porque ele abre as reticências e os pontinhos, porque eu acho que a clínica não está finalizada, fechada. A gente tem, assim como sujeitos, estão sempre em transformação, também nós profissionais da saúde, em todas as áreas, a gente precisa estar atento a essas mudanças e buscar a ampliação, da questão do cuidado na abordagem, na clínica, na terapia.

Então, eu disse “nós vamos chegar lá provocando”, mas realmente eu sou assim. Penso que a ampliação da clínica ajuda um pouco, abre mais. Gosto muito dessa ideia de abrir janelas, abre, fica uma possibilidade do dentro e fora, da transformação. E aqui é um lugar muito apropriado para isso, para a gente se desafiar a pensar, sonhar, enfim, criar. Eu acho que muito mais é criar. Então eu trazia e, vocês vão ver que eu já estou trazendo coisas de antes e de agora, essa ideia. Eu me sinto uma psicóloga nômade. Muito cartógrafa. Até eu dizia muito articulada sempre com as várias áreas do conhecimento. E a ampliação da clínica me provoca isso. Às vezes tem questões, analisadores, determinantes, acontecimentos tão importantes que vem de um outro campo e que se eu não acolher e trazer para nossa perspectiva, do olhar sobre o sujeito, eu deixo, talvez fique uma lacuna, fique algo, que não entendi. Me lembro de umas descobertas que eu fiz. Bom, então ao longo da vida eu fiz esses dois caminhos ao mesmo tempo. Eu entrei na universidade no ano de 1981 e também na saúde pública como profissional, mas eu já tinha feito estágio, já tinha feito... entro na saúde pública e logo faço também a residência na saúde pública. Então esses caminhos ao mesmo foram me produzindo de uma forma interessante. Eu me lembro da coordenadora Cornélia, não sei se lembram. Num determinado momento eu queria me dedicar exclusivamente à Universidade e ela disse não. Ela que era coordenadora do curso e era coordenadora do centro. Acho que era o nome...

Cadernos:

Era diretora do centro.

Fátima:

Eu lembro que gostei muito desse desafio. Ela disse “esse teu modo de ser, estar e fazer saúde pública, fazer saúde mental ele tá impregnado por essa prática, uma vai ser complementar a outra. Então eu acho que é também uma questão importante, que eu até já começo a adiantar pros alunos, pros profissionais de ambas as áreas, de que as nossas vivências, as nossas construções teóricas passam também pela experiência do estar, do viver, do conviver que nos permite né. É como se fosse, assim, um teste de realidade. A gente vai olhando e vendo, a gente vai estudando. Então essa combinação... na verdade é a essência da clínica, pensando mais na questão do cuidado. Eu acho

que essa é a grande chave. Um dia eu li sobre a clínica política com a Ana Marta Lobosque e ela diz assim que é no encontro entre este dito como desarrazoado contigo que produz-se algo. Eu gosto muito de pensar isso na produção desse encontro, que é ali que se começa através do vínculo, se começa o cuidado. A gente tá ali trazendo dois sujeitos, duas possibilidades de ser e estar na vida que se encontram e nessa produção algo acontece e ali começa a clínica. Me lembro que ela veio em um encontro dos alunos de psicologia sobre clínica política e esse texto eu guardei, tenho até hoje e passo pros alunos porque é muito interessante. Mas então essa minha caminhada começa ao mesmo tempo na linha do tempo junto na saúde pública, então eu faço algumas caminhadas na saúde pública e aí tem um outro divisor de águas, um deles ingressar na Unisinos onde eu tinha toda uma familiaridade. Na época meu pai era assessor jurídico da reitoria, não que isso interferisse em algo na minha seleção, porque ela foi feita pela Tânia, que foi coordenadora antes da Cornélia, ela tava indo embora pra Europa, não vou me lembrar o nome.

Cadernos:

Tânia Sperb

Fátima:

Sperb. Eu lembro que ela fez a seleção, no dia que ela fez e disse “é tu”. Logo junto comigo no mesmo ano veio a Carmen Oliveira. A gente começou a fazer... eu tinha feito todo o curso de Psicologia com a Carmen, já vinha uma bagagem tanto de afeto, de conhecimento, como de uma psicologia que a gente se reconhecia: interdisciplinar, feita no cotidiano. Eu gosto muito desse outro conceito que parece simples, eu penso a saúde e a psicologia como psicologia do cotidiano. Vários autores vão falar sobre isso, mas eu gosto de pensar o cotidiano, sabe? O cotidiano nesse território urbano, rural, naquilo que se mistura, se mistura, estando sempre atenta e curiosa, acho que sempre, como tu falasse lá no início da criatividade, além da coisa da curiosidade, eu inventava um jeito: bom, dá pra fazer de alguma forma. Quando disseste a pouquinho que aqui estive sem luz, ficaria sem luz tantos meses, eu fiquei pensando: o que eu faria sem luz? Eu ia trabalhar, eu ia atender de algum jeito, não sei como. A gente ia trazer lanterna...

Cadernos:

Aproveitar esse jardim, essa luz.

Fátima:

Aí eu fui me lembrando o porquê eu digo isso. Porque várias experiências que eu tive, felizmente isso eu também quero dizer aos alunos, pra formação, como provocação, estar atento a estas possibilidades. Quando eu fiz o estágio e a residência em São José do Murialdo, umas das primeiras residências, acho que foi a segunda que era interdisciplinar eu tive a oportunidade de trabalhar com indígenas, tive oportunidade de trabalhar com sem-terra. Nos campos que a gente podia escolher, eu pude trabalhar em Nonoai com os indígenas, depois em Ronda Alta. Então nesses lugares digamos de onde a gente atuava em uma realidade muito precária de recursos, seu eu ficasse sem luz... aliás nem tinha luz, agora me lembrei, não tinha luz. Então a gente trabalhou, eu trabalhei dez meses morando em um espaço, era tipo um postinho de enfermagem com uma técnica de enfermagem e uma médica. Essa coisa interdisciplinar, esse fazer ele era já constitutivo de mim, já era assim, a gente saía fazendo assim, porque também a vida nos exigia. Essa relação que eu digo da vida cotidiana, de um profissional da saúde na vida cotidiana é isso. Seu não tivesse recurso, mas eu tenho o sujeito, então a minha relação ética, clínica e acolhedora é com o sujeito. Se eu tiver esta possibilidade de respeitar esse lugar as outras condições estão dadas. Trabalhei em lugares com enchente, depois na boate Kiss, trabalhei no hospital psiquiátrico no Paraguai em uma situação totalmente adversa, igual como qualquer manicômio. Eu fui trabalhando em situações em que o limite das nossas ferramentas estavam dadas, mas eu gosto muito daquele conceito de ferramentas que tu traz junto e talvez eu não use nada daquilo, porque outras questões são colocadas. Me lembrei com os indígenas em Nonoai que eu trabalhava embaixo de uma árvore, agora olhei essas árvores e me lembrei que era um período inicial do conflito de terras, entre os indígenas e os sem-terra, recém tava começando. Eles viviam muito escondidos, tinha tido um surto de sarampo. Imagina, eu psicóloga fui convidada por uma equipe de pesquisadores da OPAS pra atuar num surto de sarampo em indígenas adultos, que era uma coisa diferente, fora do esperado. Eles já viviam escondidos pelo conflito e pela doença. A gente começou a inventar estratégias de trabalhar sentado, embaix-

xo das árvores, em termos de proteção, mas também porque era o lugar que tinha. O centro da convivência deles era muito conflituoso, muito tenso. Essa tensão de certa forma a gente conseguia dar conta fora daquele lugar. Essa questão do território, do lugar, de estar junto com, é como se fosse imprimindo a minha história, que eu me lembrava que tinha começado lá com os jesuítas, eu lembrei também conversando com o Nelson que minha mãe era catequista. Eu tinha cinco ou seis anos e já ia com ela e ficava cuidando das pessoas lá na comunidade quando ela trabalhava e ela fazia o trabalho dela. Em 1990 eu fui convidada para dirigir o 1º serviço público desinstitucionalizante foi a Pensão Nova Vida, não existia nada, não existia a Reforma Psiquiátrica, não existia nenhuma das portarias que regulamentasse a atual RAPS e eu me lembro que me surpreendi que eu ia até que dirigir uma casa com 54 usuários que vinham de longas internações, enfim tinha que dirigir esta casa, com uma equipe que eu não tinha, não existia ainda, então tive que selecionar uma equipe, me desafiar ser gestora e foi o maior desafio que eu tive profissionalmente. Eu me lembro que a coordenadora da saúde mental da época, Sandra Fagundes disse: Qual é a experiência que tu não tem, vindo de uma família de doze irmãos, gestão da coisa pública e coletiva tu tens. Quem mais do que tu para cuidar de uma casa grande, ao invés de dez eram 54. Enfim, isso foi fazendo parte da minha história e eu comecei a buscar tanto autores com experiências semelhantes e Quem é que trabalhava. Aí vem a questão de grupos que eu acho um grau de excelência na clínica, trabalhar com grupos no sentido da dimensão múltipla dos territórios das possibilidades e aí também enfim porque esse os lugares por onde andei, eles me exigiam isso, estar atenta alguma situação absurda assim e num grupo, sem buscar nunca unanimidade, mas as possibilidades diversas de convivência e o grupo como uma possibilidades de outras formas de ver e lidar com a vida com o seu sofrimento. Uma das questões quando eu tive no prumo, na Unisinos onde eu tive trabalhando por treze anos. Antes era de unidades móveis, mas era um projeto comunitário que veio ao mesmo tempo do PAAS. Eu me lembro que tínhamos algumas referências de grupo e foi muito legal o desafio interdisciplinar, tinha um sociólogo, a enfermagem, o serviço social, a psicologia, a educação física e a nutrição, eram seis ou sete núcleos. Essa experiência para mim foi outra assim como Mu-

rialdo marcou minha vida, mudou minha vida, até recentemente o faleceu o doutor Ellis Alindo D'Arrigo Busnello que era nosso dirigente, inventor daquela clínica comunitária que foi referência internacional, foi um marco, mudou minha vida e depois o Prumo foi uma experiência mais íntimo, mais próxima de profissionais assim como eu, na Unisinos, em que a gente construía a intervenção juntos. Essa relação eu diria, que para quem está em formação é muito difícil, pensar um sujeito/um lugar /a história e tomá-la como questão em análise e pensar uma intervenção, nossa era assim, a gente brinca, mas é verdade. Eu posso dizer isso porque eu encontro os colegas daquele tempo a gente se cutucava com o pé debaixo da mesa: E agora o que é que eu faço? Porque não tinha sintonia, não tinha resposta e tal, mas foi exatamente nas diferenças esse desafios que eu acho legal. Ao invés da gente desistir e encerrar o nosso referencial teórico que diz que é só isso, a gente amplia na diferença, amplia no debate, no bom debate. Agora me lembro bem do morro da Santa Helena a gente fazia uma intervenção, é um lugar ainda que quase nada se cria nem se transforma, não tinha nem assembleia de Deus, nem boteco de cachaça, eu dizia para mim, é um grande analizador. Se não cria é porque era uma coisa terrível, era um lugar aonde o pessoal do tráfico do roubo, se passava o morro se jogava para o outro lado, era uma área enorme, gigante, a polícia não conseguia chegar, então eles dominavam, a água não chegava, o pessoal que trazia a água no caminhão pipa, para lá eles apedrejavam o caminhão. Eu me lembro de uma intervenção, num sábado pela manhã. A gente conseguiu um lugar para trabalhar, que era um final de uma casa que tinha sido abandonada e lá a gente trabalhava, a gente tinha um lanche que fazia sempre naquela atividade e nós tínhamos uma colega da nutrição que disse que não podia comer o lanche sem lavar as mãos. E água cara? Mas foi muito legal porque foi uma construção, primeiro a gente trazia lencinhos, depois a gente conseguiu com uma senhora da comunidade que emprestasse um balde, até que um dia a gente conquistou a água. Nenhum dirigente, nem a prefeitura colocou água sem esse caminho da comunidade, sem uma demanda, aí eles demandaram. Eu lembro que nosso projeto teve um sucesso grande na Santa Helena, que a gente conseguiu criar um espaço, tipo um salão, algo que depois foi um salão de igreja que se tornou o contraturno, e começou assim. Depois, se tornou uma

escola reconhecida pela prefeitura. Mas eu me lembro da água. Se o meu conhecimento me diz que eu tenho que ter as mãos higienizada e eu não tenho água, o seu desafio, da equipe e não é da nutrição, nem desse, nem daquele tem que pensar qual é a alternativa, sem ser assistencialista de dizer toma a água, mas construir a canalização da água em todos os sentidos, que aquilo chegue e represente algo. As crianças com o tempo, quando eles iam e chegava a hora do lanche que eles estavam brincando na terra ou no chão, coisa assim, eles já tinham uma rotina que eles gostavam de fazer, eles gostavam de estar com as mãos limpas. Então, não adiantava a gente dizer na minha área ou na tua área, tinham um processo aí se mistura tanto a saúde mental, que era o sujeito protagonista, essa era uma outra questão que eu quero trazer. Que eu sei que o PAAS sustenta o protagonismo do sujeito, tanto o pessoal da limpeza quanto estagiário, como profissional, o protagonismo e a democracia interna, o outro princípio que depois eu fui estudar sobre o projeto da Pensão Nova Vida, assim como a água foi canalizada e acontece lá, a Nova vida, ainda existe. Eu acho muito importante dizer isso, que não é no nome da Fátima que esteve lá, a gente construiu junto de uma forma com todas as correlações de força com os usuários, famílias, a gente criou a Nova Vida, hoje é um SRT e foi o primeiro da América Latina, público esse serviço e ele existe até hoje. Então estava falando da ampliação da clínica, do contrato ético da relação de igualdade, do respeito a diferença, da constituição de equipes. Todo mundo colocava em análise uma questão na mesa e aquilo era discutido com muitas dificuldades, mas era muito legal.

Cadernos:

estava pensando aqui Fátima te ouvindo, primeiro dar conta do quanto essas narrativas de vida que tu tens acabam dando corporeidade, acabam corporificando, tornando cotidiano o conceito da ampliação da clínica, mais ainda nos deixa feliz de poder estar te ouvindo e registrando isso pro Cadernos. E fiquei pensando nisso, o quanto é importante esses vazios, daquilo que a gente não sabe. Porque o quanto que não se sabe, no sentido da possibilidade de trabalhar com essas diferenças é fundamental, pelo menos eu estou entendendo que foi fundamental na tua trajetória. Quer dizer, não temer a condição da falta de estrutura, ao mesmo tempo como também não ter receio da condição do não saber ou do não conhecimento. Do quanto isso é

necessário para criação, necessário inclusive para ampliar essa condição clínica. Estava pensando nisso esses são exemplos absolutamente claros e vívidos disso que a gente tem como tema.

Fátima:

Eu por muitas vezes na vida me assustava com o não saber. Assim, o que que eu faço, de eu pensar como me colocar na posição de uma grande escutadora para entender o que está acontecendo e bom as ferramentas eu terei algumas, outras eu vou ter que procurar. Eu também tive a oportunidade por seis anos de acompanhar diretamente os presídios, o sistema prisional pelo Conselho de Psicologia e, muitas situações em que, aí entra a questão do criativo e da arte né, que o teatro foi fazendo parte desde o colégio na minha vida. Então, tinha situações em que eu me sentia absolutamente amarrada. Assim, num presídio, acho que foi em Uruguaiana em que os agentes penitenciários deixaram a psicóloga, fecharam ela com os presos, para assustar mesmo. E aí eu tinha ido junto com ela e eu disse assim, o que eu faço agora com isso aqui? Daí eu brinquei com eles de normatizar, vamos inverter, agora vocês vão cuidar, vocês vão atender. A gente fez um jogo de cenas ali e foi muito engraçado porque eu não pedi que abrissem né, mas eles não suportaram ficar fechados, daí eles abriram. Daí depois a gente conversou, nem era intervenção, a gente tinha ido acho fazer acompanhamento de uma nova norma do Conselho Federal de Psicologia, mas eu me lembro de situações limites, de certo risco digamos, exposto e assim, a gente vai tentando e buscando. Daí eu me lembro, vamos fazer isso e eles trocaram, inverteram.

Cadernos:

Tem que pensar rápido assim pela experiência, é o que te afetou naquela situação. O que tu sentiu ali.

Fátima:

Sim, sim, exatamente. Então, sempre como eu digo, centrado no usuário, no paciente, no cliente, a gente ali vai estar a possibilidade, ali que vamos criar a possibilidade. Diversas, nunca é igual. Eu me lembro da situação essa que eu falei lá no Paraguai, até o professor Rafael estávamos lá e de repente estávamos falando guarani. Eu levei um dicionário é claro, mas era o que tinha que fazer, não tinha

outro jeito de falar, e aí a gente começou a se comunicar muito com interpretações corporais. Eu usei muito isso, tentava chegar perto e eles mostravam como é que era. A gente estava entrevistando, inicialmente um censo e depois era para propor, iniciar um projeto de desinstitucionalização lá no Paraguai, num Hospital com características muito parecidas aos grandes manicômios, mas daí tinha a questão da língua. Muito interessante, eu me lembro, no fim eu estava me achando o máximo falando guarani, mas tinha o livrinho aí para me socorrer. Então, essas situações, eu me lembro de uma intervenção, de uma disciplina da Psicologia, agora eu falei dos indígenas e me lembrei que a gente estava trabalhando numa oficina, no centro de Porto Alegre, ali na frente do Mercado Público, a gente só tinha uma camiseta com o desenho de um rolo de um filme e tinha o que é Psicologia. Então, a gente tinha câmeras por ali e gravava quem quisesse falar. E aí apareceu uma pessoa surda muda, e aí os alunos falaram que essa aí a gente não entrevista e eu disse, como não, se ela quer falar, daí eu fui pra frente dessa pessoa e fui criando uma linguagem do jeito que a pessoa compreendia e a pessoa respondia. Uma outra pessoa muito alcoolizada também que queria falar. Naquele dia foi uma aula sobre o conceito de normalidade, e aí eu me deparei a gente precisa, essa questão do cotidiano acho que te mostra isso, conversar sobre uma pessoa com um grau de dificuldade que seja relacional, mais especificamente uma pessoa por exemplo uma pessoa cega. Precisa acontecer para que ele possa ser então construído, confrontado. Naquele dia foram duas situações, foi muito interessante, muito mesmo. Então o tema que era o que é Psicologia acabou sendo secundário e aquela oficina acabou trabalhando com as diferenças.

Cadernos:

É que são as reticências como tu diz, no sentido de que é um movimento, na medida em que se amplia, que também provoca coisas que não necessariamente se tinha planejado.

Cadernos:

Que não estão num conceito fechado, como tu disse no livro, em que a gente encontra, o que que eu faço quando isso acontece. E é essa a abertura da criatividade.

Cadernos:

Mas que histórias lindas.

Fátima:

É em determinados momentos, por exemplo, eu comecei a estudar o Morin pra entender a teoria da complexidade. Comecei a ler, primeiro achei superdifícil, mas depois gostei muito. Quando ele fala sobre cinema, sobre música então. Olha tem alguns textos dele sobre música e complexidade que ele começa abrindo o conceito e trabalhando praticamente com as discussões teóricas que nós fazemos, sobre a produção subjetiva. E eu como gosto muito de música, comecei a me amparar também nesse conhecimento para poder... ritmo, tensão, voz, volume, enfim... é muito lindo a questão sonora mesmo. Mas, acho que esse cruzamento, a questão é aquele negócio que eu estava trazendo, estar atento e na hora pensar que dá. Acho que o princípio é a dimensão ética na relação, se eu não estou confrontando, eu estou acolhendo, eu posso não saber. Eu já tive muitas situações que nesse momento, uma situação específica com algum usuário, eu não estou podendo te ajudar, mas a gente vai buscar alternativas, daí eu vou me socorrer de outras experiências e leituras para poder dar um retorno, que as vezes tu não tem no momento.

Cadernos:

Acho que essa característica da sensibilidade, isso perpassa totalmente tudo o que tu vai atuar na clínica, na ampliação da clínica, porque é da tua abertura. Acho que escutando tudo o que tu está falando, acho que é uma coisa que tu mostra muito pela tua experiência, essa abertura. O que as vezes é tão difícil, até pensando no processo formativo, o quanto a gente está realmente aberto para essas diferenças, para essas experiências, para tudo que isso pode nos provocar de alguma forma. E que a gente saber lidar com essa sensibilidade, que está nos comunicando algo, que a gente não precisa ter medo de não saber, ou ter um receio em relação ao que vem daquilo, mas a gente está ali, a gente está disposto.

Fátima:

E reconhecer também o que não sabe. Eu acho que falei de dois marcos, acho que o terceiro e que me acompanha até hoje foi começar a trabalhar com pacientes graves, neuróticos graves, psicóti-

cos. Isso acho que foi tipo assim o fiel da balança, porque muitas teorias que estudamos, diz que o psicótico não vincula, não pode participar de grupos. E aí eu comecei, mas tá, esse sujeito, a existência está aí, com determinado grau importante de sofrimento, então eu comecei a pensar o que é possível? Então, sempre estive muito vinculada desde 1982, não, um pouco mais adiante, eu tive vários ingressos trabalhando como psicóloga, como gestora, depois como supervisora e depois de novo como profissional no Hospital São Pedro e no psiquiátrico forense. Então eu tive por muito tempo esse trabalho, essa atuação. Então eu comecei a fazer descobertas e descobertas para além, como tu dissesstes, para estar aberto a tudo isso, mais sensível dentro de uma dimensão absolutamente digamos mais exigente assim, porque ele precisa. Eu gostava sempre de pensar assim, “qual é a construção que ele fez para chegar até aqui?”. Então, é meio que percorrer territórios, bifurcações, né, não é uma concepção bem rizomática assim, por onde andou. E assim captar alguma coisa que dava para fazer, tecer outras possibilidades, outra rede, outra oportunidade. Então, sim, eu trabalho até hoje e desde 2013 eu trabalho o grupo de teatro com usuários de saúde mental e ali é um teste, toda quarta-feira é dia de novidade e coisas que aparecem que são absolutamente bastante exigentes, digo de novo, mas é muito legal. E aí sim, pelo teatro ter essa questão de trabalhar integralmente o sujeito corpo assim, ele permite uma aproximação maior e quando eu vejo o resultado, não sei se é resultado, mas analisar o tempo dessas pessoas conosco no grupo que é uma produção toda coletiva assim, é impressionante a transformação. Eles mesmo dizem que é uma transformação no corpo assim, me lembro muito bem as pessoas chegavam com diagnóstico, ‘não, aqui não tem diagnóstico, tem sujeitos que querem fazer teatro’. Nunca foi um critério, nunca, nenhum critério desse tipo, dessa natureza, então era no encontro pra trabalhar especialmente toda a dimensão corporal. E também a gente começou a buscar leituras nessa área e tá sendo um feliz encontro até hoje.

Cadernos:

Eu fico imaginando várias coisas, Fátima, do quanto é, a partir daquilo que tu tá trazendo, inevitável esse encontro do cotidiano, da ampliação da clínica com a vida, e a vida que se apresenta obviamente muitas vezes sem sentido que ela chega para nós e o quanto dá

para falar de uma ampliação da clínica e de uma invenção da clínica, porque, nesse sentido, muito do que tu tá nos trazendo, lá pelas tantas, há de se inventar coisas como tu fizestes, vários exemplos desses que tu trouxe e que fazem parte obviamente e que não só dessa melhor forma de produzir o encontro, mas como também produzir vida talvez, dá potencialidade a isso. Mas a gente não tá querendo te extenuar, a gente já tá quase em sessenta minutos de entrevista. Qualquer coisa, a gente faz a parte dois, Fátima

Fátima:

Eu encerraria... tu usaste uma palavra que pra mim é carro chefe meu, que é “onde há produção de vida, conte comigo”, então assim, eu aposto sempre, aposto no encontro, na transformação, na produção de vida. Quando eu vejo assim processos espetaculares, me lembro disso do teatro de uma vez, um rapaz entrou com um diagnóstico de autismo e daí hoje, lá em Porto Alegre eles têm um negócio que elegem o prefeito na escola pública e ele foi eleito e vai ter posse daqui a pouco. Eu digo, esse é o autista que me trouxeram? Entende, não minimizando nenhuma situação ou outra, mas a forma que tu entra na história e na sociedade é que talvez seja o nosso desafio como profissionais da saúde, que a gente possa acolher e dar contorno às diferenças e a pessoa vai se guiando aí.

Cadernos:

Bom, então a gente vai encerrando. Pra deixar registrado em nome da equipe do Cadernos, do PAAS, obrigado pela tua generosidade e com certeza falta espaço para a gente fazer registros, quem sabe a gente marca um outro, mas já foi mais do que lindo a possibilidade de te escutar e registrar isso para compartilhar

Fátima:

Que linda a generosidade também, gostei muito de ser convidada, eu tava bem na expectativa

Cadernos:

E a gente ficou muito feliz quando tu aceitou, porque, é como as gurias também comentaram antes, como egressas do curso de psicologia da universidade, é uma honra poder te escutar, porque, sem dúvidas, para nós gerações que estão ingressando na psicologia po-

der escutar de ti tudo isso é maravilhoso. Muito mais do que um exemplo profissional, é um exemplo de ser humano que demonstrou na própria vida esse protagonismo, essa forma de se inserir no mundo, então é um prazer que bom poder te ouvir e que bom que as pessoas vão poder te escutar também um pouquinho.